

“Antes dos portugueses o Brasil tinha descoberto a felicidade.”

“Antes de los portugueses lo Brasil había descubierto la felicidad.”

MIRIAN LANGE NOAL¹

RESUMO: Apresento, com uma tessitura brincante de palavras, o (im)provável diálogo entre o Manifesto Antropófago de Oswald de Andrade (1928) e os achados da pesquisa de doutoramento (2001-2006), na Aldeia Pirakuá, Bela Vista/MS. A definição metodológica buscou trilhas não colonizadoras, no exercício de, sabendo-me impregnada pela colonização, ser capaz de, dialeticamente, lutar, antropofagicamente, para ser menos tirana em minhas estadas na aldeia. As crianças foram reconhecidas como protagonistas de suas vidas, capazes de aprender e de ensinar, sem rótulos teóricos colonialistas. Passados sete anos, arrisco afirmar que fragmentos da magia brasileira gritada no Manifesto se fazem presentes no cotidiano dessa aldeia “[...] que tinha descoberto a felicidade” antes das invasões e das colonizações. Apresento algumas experiências vividas de mãos dadas com as crianças e com os adultos que ali vivem. Convido para atravessar o rio e chegar do lado de lá, onde estão as crianças em suas “humanas aventuras”.

PALAVRAS-CHAVE: crianças pequenas indígenas; antropofagia; pós-colonialismo.

1. Doutora em Educação. Professora na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Cursos de Pedagogia, Letras e Educação do Campo (EaD); Curso de Licenciatura em Educação do Campo (Pedagogia da Alternância); Campo Grande/MS. *E-mail:* miriannoal@gmail.com.

RESUMEN: Presento, con una tesitura divertida de palabras, lo (im)probable diálogo entre el Manifiesto Antropófago de Oswald de Andrade (1928) y los hallazgos de la investigación doctoral (2001-2006), en la Aldea Pirakuá, ubicada en la ciudad de Bela Vista/MS. La definición metodológica buscó senderos no colonizadores, en el ejercicio de, sabiendo impregnada por la colonización, ser capaz de, dialécticamente, luchar, antropofágicamente, para ser menos tirana en mis estancias en la aldea. Se reconoció a los niños como protagonistas de sus vidas, capaces de aprender y de enseñar, sin rótulos teóricos colonialistas. Después de siete años, arriesgo afirmar que fragmentos de la magia brasileña gritada en el manifiesto se presentó en el cotidiano de esa aldea “[...] que había descubierto la felicidad” antes de las invasiones y de las colonizaciones. Presento algunas experiencias vividas y de manos dadas con los niños y con los adultos que allí viven. Te invito a cruzar el río y a llegar al lado de allá, donde están los niños en sus “humanas aventuras”.

PALABRAS CLAVE: niños pequeños indígenas; antropofagia; poscolonialismo.

INTRODUÇÃO

*Quando o português chegou
Debaixo duma bruta chuva
Vestiu o índio
Que pena!
Fosse uma manhã de sol
o índio teria despido
o português.*

OSWALD DE ANDRADE

Piratininga, 1928, Oswald de Andrade, Manifiesto Antropófago; Aldeia Pirakuá/MS, (2001-2006); Campinas/SP, 2012. Nesse momento está estabelecido o (im)provável diálogo entre os brasis vividos e sonhados por ilustres e por anônimos/as filhos/as desta terra do pau-brasil. Se, como afirma o Manifiesto, já vivemos: “a magia e a vida.”² Se já tivemos “[...] a relação e a distribuição dos bens

2. No título e no decorrer do artigo são inseridas citações diretas, entre aspas duplas, recortadas do Manifiesto Antropófago escrito por Oswald de Andrade (1928). Intencionalmente não referenciamos a fonte e não indicamos as páginas para não interromper a fluidez da leitura, pois as citações serão facilmente identificadas pelo/a leitor/a.

físicos, dos bens morais, dos bens dignários”; se já experimentamos a política “que é a ciência da distribuição”, como atuar na educação infantil, como desenvolver pesquisas com as crianças e não efetivar mais colonizações? O que ainda há para desaprender nos processos de aprendizagem? O convite é para esquecer o que temos apreendido e praticado como seres denominados *civilizados*, mas cada vez mais incapazes de viver a “humana aventura”, a “terrena finalidade” que se coloca “contra todas as catequeses.”

Estar em uma aldeia indígena possibilita sentir que “antes dos portugueses [...] o Brasil tinha descoberto a felicidade” do viver que harmoniza, que brinca, que respeita, que acalenta, que reparte a mandioca, o milho, a caça, o peixe. As crianças pequenas, na Aldeia Pirakuá, experimentam a “existência palpável da vida” que corre mansa. A aldeia toda é o lugar dos encontros, das aprendizagens, das brincadeiras, dos risos dialógicos que têm aquietado os/as invasores/as e aqueles/as que ainda insistem em trocar esmolos pela adesão a novas crenças, na busca incessante de “salvar selvagens” que, no exercício da antropofagia, fazem a “absorção do inimigo sacro. Para transformá-lo em totem.”

Com as trincheiras dos silêncios e dos sorrisos, a vida na aldeia vai continuando do jeito que seus/suas moradores/as desejam, a não ser que a violência – do poder econômico, político e ideológico, geralmente com armas e “legal” – quebre essa harmonia. Possivelmente, a capacidade de construir e ver sonhos serem destruídos, a capacidade de juntar forças e esperanças para recomeçar a cada novo dia, seja um dos componentes dessa sobrevivência subversiva, que tem como princípio fundante o encontro das flexibilidades (que vergam) com os enraizamentos (que localizam).

Arrisco afirmar que essa maneira risonha de ser – que acalmou tantas vezes os/as inimigos/as – tem possibilitado que os/as indígenas não tenham perdido a posse de seus conhecimentos, de seus corpos, de suas terras, de seus desejos, de suas vidas – sem desconsiderar as violentas perdas impingidas por massacrantes processos colonizadores. Essa maneira de ser, aparentemente mansa, tem assegurado significados e coragem para que, nesses mais de quinhentos anos, tenham ressurgido como fênix, das cinzas, para lutar pela efetivação de seus direitos.

Essa humana maneira de ser emerge em adultos e crianças que se abrem para os apelos da escuta, que se entendem, que se respeitam, que não “devoram” a alteridade, mas que a degustam e a transformam em exercício da abertura ao outro. Adultos e crianças que ouvem e conversam com os bichos da terra, dos céus e das águas. Seres humanos que se embrenham nas matas e que tecem inesquecíveis lições de

encontros com os mistérios da vida e com a utopia da “Terra sem Males”³. “Contra as elites vegetais. Em comunicação com o solo.” Estar em uma aldeia indígena é poder afirmar que a “Revolução Caraíba” se renova, a cada amanhecer, sob o atento olhar de “Guaraci” e de “Jaci”.

ALDEIA PIRAKUÁ: ESPAÇOS E TEMPOS DE VIDA

A Aldeia Pirakuá, localizada no município de Bela Vista/Mato Grosso do Sul, constitui um espaço e tempo nos quais seres humanos convivem entre si, mergulhados em aspectos culturais e mediados pelas matas e pelos rios, na afirmação de que, de fato, “nunca fomos catequizados”. É ainda um espaço que permite aos seus habitantes viver seus costumes, suas festas, suas danças, seus cantos, seus jogos, que vão sendo criados e recriados na intermediação do convívio com as cidades, mas em tempos expandidos, flexíveis, sem acelerações.

Dialeticamente, a Aldeia Pirakuá é habitada por pessoas que vivem e apresentam as contradições de sua humanidade. Pessoas que vivem disputas entre dominações e resistências. Na aldeia há disputas, interesses plurais, visões particulares sobre um mesmo fato, propostas diferentes de grupos ou famílias. No entanto, ainda há uma predominância forte e convergente de traços culturais que asseguram uma unidade no encaminhamento das questões de interesse coletivo. Há uma maneira muito própria de enfrentar e de resolver conflitos, de ser e de se relacionar com o outro. É uma cultura que defende e respeita a vida em suas diferentes formas de manifestação, mas que não está isolada dos demais contextos.

Há dois caciques que ficam nas matas, que rezam e que são os responsáveis pela proteção do território e dos habitantes do lugar. Na cosmovisão Guarani-Kaiowá, são reconhecidos como profundos conhecedores da cultura e capazes de estabelecer

3. O mito da “Terra Sem-Males” (Yvy marã ey), genuinamente guaraníco e inspirador do protagonismo Guarani nas lutas pela demarcação de suas terras, tem sido transmitido de geração a geração e pode ser resumido pela busca incessante de um lugar no qual seja possível viver como um Guarani (matas com rios e córregos; caça; pesca; colheita; plantação de roças; conversas; cantos; danças; rituais) e, para isso, é necessária a terra (tekoha), pois sem ela não há cultura (teko). A cosmovisão Guarani-Kaiowá se fundamenta na unicidade entre divindades, sol, terra, lua, matas, rios, plantas, animais e seres humanos, de modo que tudo está interligado e tudo se conecta a tudo. Litaiff (2008, p.23) destaca que: “[...] o conceito de Terra sem Mal pode ser visto como tentativa de retorno ao espaço ecológico anterior à conquista européia, [...]”. De acordo com Schaden (1954): há semelhanças com outras culturas de tribos sul-americanas, mas em nenhuma essa mítica teve ou tem o significado que lhe cabe entre os Guarani-Kaiowá.

comunicação com as forças espirituais e protetoras, advindas das divindades e dos antepassados. São conselheiros que ouvem, observam e não determinam. De maneira geral têm atuação de orientação, de proteção e de cuidados espirituais com as crianças.

Os/as moradores/as da aldeia vivem com a natureza, colhem o que ela lhes oferece por meio da caça, da pesca e da colheita de plantas, raízes e frutos silvestres. Também a transformam ao utilizar a madeira e as folhas para construir casas; ao preparar a terra para as roças que são semeadas, cuidadas, colhidas, compartilhadas; ao criarem pequenos animais; ao seivarem os peixes para que fiquem maiores, mansos e cativos. Dessa forma, a comunidade da Aldeia Pirakuá, como outras comunidades humanas, apropria-se dos saberes de seus antepassados em diálogo com outros conhecimentos e, nesse processo, vai construindo e exercitando o diálogo entre diferentes culturas e conhecimentos.

Há uma significativa singularidade na maneira de conviver com as crianças. É encantador observar a educação que vai acontecendo permeada pelas famílias, pela comunidade e pelo protagonismo infantil. Participação, interação, liberdade, autonomia, espontaneidade e responsabilidade pelos seus atos são traços marcantes da educação Guarani-Kaiowá. Educação que se traduz em uma pedagogia que não se restringe ao intelecto, mas que busca a utopia da humanização ao se voltar: “[...] ora para o corpo, ora para o imaginário, ora para o intelecto, ora para o manual.” (CAMBI, 1999, p.23).

Na Aldeia Pirakuá fiquei maravilhada com o que observava. Muitas vezes ali reencontrei a menina da minha infância e da minha adultez. Menina que dialoga com minha criticidade de mulher e professora (GALZERANI, 2002). Nesses momentos reforcei minhas convicções de que é preciso contrapor-se e retomar o Brasil antes dos portugueses e do massacre colonizador, no desafio de desconstruir paradigmas, como propõe Barthes (2004, p.47): “[...] deixar-me levar pela força de toda vida viva: o esquecimento.”

O estudo, nessa concepção, não defendeu uma tese, mas múltiplas possibilidades de teses e, embora esteja fundamentado em estudos anteriores sobre sociedades e crianças indígenas, constituiu-se como um estudo exploratório e singular para o campo de conhecimento da pedagogia.

Todas as estadas na aldeia foram registradas no caderno de campo e por meio de fotografias que suscitaram questões polêmicas sobre o uso ou não de imagens de crianças em pesquisas, principalmente imagens de crianças pequenas indígenas. Debates – não esgotados – buscam encontrar procedimentos que assegurem o

respeito, a ética e o direito de repensar o uso indiscriminado de imagens. As fotografias permitem reviver momentos já vividos, mas uma fotografia isolada de seu conjunto e de sua finalidade inicial pode gerar interpretações e leituras equivocadas – por desconhecimento ou por intencionalidade ideológica.

Nesse percurso, a pesquisa teve a característica intencional de não ser conclusiva, considerando que a temática escolhida ainda é inovadora para a pedagogia e, assim, se reconhece como uma possibilidade – entre várias outras – de evidenciar um pouco da vida que acontece em uma aldeia indígena contemporânea, impregnada do devir-criança como nos instiga Mari, parteira e moradora da Aldeia:

Uma tarde, 28 de setembro de 2003, estava sentada na sombra de uma árvore, fazendo minhas anotações. Mari aproxima-se e pergunta se eu poderia fotografar uma arara que é dela. Respondi afirmativamente e Mari sai para buscar o animal. Continuo meus registros. Quando olho para a estrada que vem do mato, vejo Mari chegando. Demoro para acreditar no que estou vendo. Não enxergo a arara. Surpreendo-me, fico maravilhada. Mari está toda colorida, vestindo uma roupa de retalhos. Mari ganha a cena. Está linda com todas aquelas cores e o cocar. Faço muitas fotos de Mari e da arara que se confunde naquele colorido todo. Mari ri feliz, sabe que eu gostei e eu sei que ela fez um agrado para mim. A partir desse momento passo a chamá-la, carinhosamente, de mulher-arara. (NOAL, 2006, p.158).

Mari, como tantos outros habitantes da Aldeia, protagoniza a “Revolução Caraíba” de mãos dadas com Macunaíma, o herói brincalhão e “sem nenhum caráter” de Mário de Andrade e reafirma as possibilidades de um viver brincante e livre, para além das colonizações. Um viver que não é necessário entender, mas simplesmente deixar fluir, vir a ser. Convido agora para, junto comigo, atravessar o rio para chegar do lado de lá... Lá onde as crianças estão...

O RISO ANTROPÓFAGO, MACUNAÍMICO

O riso, na aldeia, é um princípio educativo constante e fundamental para que as aprendizagens ocorram. No meio de uma fala ou de uma atividade alguém começa a rir e, em cascata, todos/as vão aderindo ao coro. Possivelmente essa característica já deve ter incomodado pessoas que devem perguntar-se: Do que riem tanto? Como podem rir com as condições materiais nas quais vivem?

Riem porque gostam de rir, porque o riso faz parte do dia-a-dia, porque o riso substitui as palavras. Mas também, porque o riso é dialógico e prepara os corações para a convivência e para as aprendizagens. Arrisco afirmar que o riso para essas sociedades que foram (e são) tão massacradas e alvo de tantas invasões e imposições – culturais, educacionais, religiosas – passa a ser uma defesa, uma resistência, uma “linha de fuga”, o exercício da “desterritorialização” (DELEUZE, 1994). O riso é uma linguagem que, de certa forma, aquieta os/as adversário/as, os/as invasores/as, os/as pregadores/as. Aquieta aqueles/as que ainda insistem em trocar esmolas pela adesão a novas crenças na busca incessante de “salvar selvagens”.

Frente às inúmeras pregações e “receitas” de como viver e de como salvar seus corpos e suas almas, os/as moradores/as da Aldeia Pirakuá respondem com signos de conformidade e de aceitação. Não discutem, não problematizam as falas que chegam de fora, geralmente querendo colonizar. Aceitam as doações, os presentes, as esmolas. Agradecem por meio de diferentes linguagens – gestos, palavras, risos. As visitas vão embora, cada uma com a certeza de que conseguiu novos/as adeptos/as para suas ideias e crenças. Engano. A vida na aldeia vai continuar do jeito que seus/suas moradores/as desejarem a não ser que a violência – do poder econômico e político, geralmente armado e “legal” – os/as obrigue a ser diferentes.

Esses cenários e esses protagonismos, que se contrapõem aos padrões colonizadores com jeitos muito peculiares de ser, dialogam com outros grupos também massacrados e ressurgem contra todas as previsões macabras de seus inimigos.

Perante o observado na aldeia, coloco o riso que marca os rostos de crianças, mulheres e homens, como mais uma forma de resistência. A linguagem do riso não é apenas um movimento de músculos faciais. Externamente pode significar que é uma aceitação, uma aquiescência, mas pode também ser a expressão de uma recusa interna, de uma transgressão que não quer se expor para não enfraquecer. O riso, nessa perspectiva, não deve ser banalizado, mas estudado e compreendido como uma das possíveis estratégias de sobrevivência dessas sociedades que as projeções estatísticas asseguraram, equivocadamente, que já não existiriam nesses nossos tempos.

Possivelmente a capacidade de construir e ver sonhos serem destruídos, a capacidade de juntar forças e esperanças para começar de novo a cada dia, seja um dos componentes dessa sobrevivência subversiva e risonha que tem como princípios fundantes a flexibilidade, a mobilidade, o devir. Arrisco afirmar que essa maneira de reagir – que acalmou tantas vezes os/as inimigos/as – tem possibilitado que os/as

indígenas não tenham deixado de ter a posse – sem desconsiderar as inúmeras perdas – de seus saberes, de seus corpos, de suas terras, de seus desejos, de suas vidas.

“CONTRA AS SUBLIMAÇÕES ANTAGÔNICAS. TRAZIDAS NAS CARAVELAS.”
CRIANÇAS PEQUENAS INDÍGENAS E SEUS MISTÉRIOS: EXERCÍCIOS DE
SER GENTE

As crianças sempre ensinam... Em nossas vidas adultas e carregadas de preocupações, as crianças ensinam as transgressões, as risadas, as traquinagens, a vida. Como Manoel de Barros (2006, p. IX) poetizou: “[...] a importância de uma coisa há que ser medida pelo encantamento que a coisa produza em nós. Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira do Andes.”

O contraste entre a presença das crianças na aldeia e a quase ausência de estudos sobre elas nos relatos de pesquisas realizadas com povos indígenas, inicialmente, traz estranhamento. Nunes (2002, p.275) adverte que, apesar dos avanços da Etnologia Indígena Brasileira, “[...] e apesar dos sinais reveladores fornecidos por alguns pesquisadores, não se criou dentro desta um espaço efetivo de discussão e reflexão sobre a criança [indígena].” Essa lacuna precisa ser preenchida, pois “[...] a criança [indígena] não é uma visão reduzida do adulto nem este é uma reprodução ampliada da criança.” (NUNES, 2002, p.276).

As leituras, as observações e os registros efetivados possibilitam afirmar que, para estudar as crianças indígenas, é preciso direcionar, sensibilizar e aguçar o ato de observar. Na aldeia, é o conjunto que se manifesta. As crianças são tão presentes, em todos os momentos da aldeia que, contraditoriamente, podem tornar-se despercebidas. Não se destacam por serem pequenas porque, de seu jeito e como conseguem, participam das atividades, e porque participam, não manifestam e tampouco provocam desconfortos ou inquietações. A vida das crianças na aldeia não é um dia-a-dia de tristezas, de raivas, de obrigações, de proibições, de imposições, de horários. As relações e as aprendizagens correm mansas, mediadas pela “magia e a vida”.

As crianças da Aldeia Pirakuá vivem as possibilidades das trocas, da mobilidade, da solidariedade que são características marcantes da cultura Guarani-Kaiowá. Circulam pela aldeia, brincam e se relacionam de forma livre, sem manifestações de tolhimento por parte dos adultos, como já apontaram outros estudos.

A aldeia toda é o lugar da vida, das interações, das aprendizagens, das brincadeiras. Não há demarcações de tempo e de espaço para a presença e para a ação

das crianças. Penso que essa liberdade de ir e vir, de participar das atividades, bem como a ausência de gritos, brigas e choros, tornam as crianças pequenas indígenas pouco visíveis aos olhos de pesquisadores/as, embora essas sejam muito ativas e presentes. No entanto, para que os estudos indígenas evidenciem a complexidade da vida das aldeias, é essencial estudar as crianças, é preciso enxergá-las e ouvi-las. Elas têm o que dizer e nós precisamos aprender esse jeito de ser, de crescer, de educar, de cuidar, de aprender, efetivamente brasileiro.

As aprendizagens vão acontecendo no exercício constante do fazer, que inclui o pensar e que contém as possibilidades de errar. O essencial é que todas as crianças, por meio da própria experiência, da observação, do exercício constante do pensar e do problematizar, vão aprendendo na concretude dos desafios e também pelas abstrações, pelo imaginário, pelas inúmeras possibilidades de pensar soluções para questões ainda desconhecidas que a aldeia oferece cotidianamente.

Nesse viés, não categorizei as idades das crianças porque o tempo cronológico de vida não se constitui como referência no cotidiano da aldeia, mas sim *as desiderades*⁴. Uma criança não deixa de fazer ou está habilitada *a priori* para fazer alguma coisa, participar ou deixar de participar de um ritual porque tem esse ou aquele tamanho. Ela participa do seu jeito, como quer e consegue, de forma independente ou no colo da mãe (ou de alguém maior), de todas as atividades da aldeia. Esse traço cultural Guarani-Kaiowá, registrado por Schaden (1954, p.75), fundamenta-se no: “[...] respeito pela personalidade humana e na noção de que esta se desenvolve livre e independente em cada indivíduo, sem que haja possibilidade de se interferir de maneira decisiva no processo.”

Bebês ficam sob a chuva; brincam com terra e água; crianças tomam banho de rio e deixam a roupa secar no corpo; dormem ao relento durante as noites de festa; tomam água de fontes ou do próprio rio. No entanto, não constatei, durante o período de pesquisa, a incidência de doenças, principalmente respiratórias. Essa condição pode revelar que os cuidados durante a gestação e os primeiros anos de vida, bem como o contexto natural da alimentação e do meio resultam em saúde e resistência física para as crianças.

Assim, livres e saudáveis, as crianças seguem os traços culturais, mas vão inovando, inventando, aprontando. Fazem engenhocas, brincam em grupos, observam,

4. O termo *desidades*, com inspiração nos neologismos de Manoel de Barros (2010), foi o termo que considerei mais fidedigno para descrever as relações interpessoais observadas na aldeia.

riem, jogam, adaptam os materiais que estão disponíveis. São brinquedos retirados da natureza ou inventados: galhos de árvores que viram cavalos; taquaras que se transformam em gangorras; laranjas que passam a ser bolas de futebol; pedaços de bambus que se modificam em apitos e flautas; terra molhada pela chuva que faz a festa do corpo embarrado; cinzas do fogo que fez o churrasco, cobrindo o corpo, pintando o rosto, acolhendo a bagunça.

Muitas vezes, é a própria natureza viva que se doa para ser brincada: árvores para subir e balançar; frutas para colher; rios para tomar banho; trilhas para decifrar e curtir os mistérios das matas; pequenos animais para perseguir ou fugir. São brinquedos que se constituem na cultura e que também se projetam sobre e com a cultura, pois tudo pode ser brincante.

Os bebês, de maneira geral, estão com as mães que, invariavelmente, participam das atividades da aldeia com eles no colo. Esse *estar na roda* pode acontecer a qualquer hora. São amamentados quando querem. Quando já firmam a cabeça, de forma geral, ficam sentados no colo das mães, de frente para os acontecimentos. Quando já estão um pouco maiores, ficam no chão, mas ainda próximos das mães. No entanto, também são carregados por crianças maiores e, dessa forma, começam sua inserção na vida social da aldeia. Raramente choram. Os pais cuidam dos bebês quando as mães estão realizando outras tarefas ou quando vão para a cidade. A exploração, o reconhecimento e o domínio do espaço físico são componentes fundamentais na educação das crianças. Dessa forma, os bebês apresentam competência para as relações sociais, como enfatiza Mantovani (1998, p.21), referindo-se aos bebês urbanos: “[...] a criança, desde os primeiros dias de vida, deve ser considerada um parceiro ativo e competente no jogo interativo relacional.” Estar no colo das mães e, ao mesmo tempo, estar nos contextos coletivos da aldeia possibilita construir o que a autora acima citada denomina de “rituais comunicativos”. Os bebês estão com as mães, mas não de forma exclusiva e reclusa, estabelecem trocas com o todo da aldeia, desfrutam de tempos e de espaços de convivência e de ampliação das aprendizagens.

As crianças experimentam o significado de pertencer a um grupo social no qual existem valores de convivência que devem ser respeitados. Dessa forma, desde pequenas vão construindo suas autonomias. Cada vez afastam-se mais das mães, em termos de distância geográfica e em tempo de permanência. Mas também é muito comum, durante as rodas de conversas, elas chegarem, de tempos em tempos, perto de um adulto – geralmente mãe ou pai – e darem uma encostadinha. Às vezes permanecem um pouco, às vezes só dão uma passadinha. Sempre são acolhidas, nunca

observei uma criança ser rejeitada ou enxotada. E depois, revigoradas, tornam a se afastar para participar das brincadeiras com as outras crianças.

Nessa dimensão, na aldeia não há espaços exclusivos para as crianças pequenas, não há parquinhos ou outros espaços destinados ao brincar. Tudo pode ser brincante, até as próprias tarefas relacionadas com a sobrevivência. Sair para a mata e caçar; tomar banho no rio, lavar roupas e pescar; dormir ou balançar em redes enquanto os adultos caçam; varrer a casa ou o quintal; apanhar frutas; carregar gravetos e acender o fogo; buscar e encilhar os cavalos; servir a roda de tereré (mate gelado). A aldeia toda é para viver e brincar, estabelecer relações e aprender. Essas interações vão construindo segurança e autonomia para que, logo, logo, elas se aventurem em passeios mais longos e a aventuras mais complexas.

Mantovani (1998) destaca como é importante, para a autonomia infantil, que os adultos permitam que as crianças pequenas tomem iniciativas e que conduzam suas ações até onde desejarem e conseguirem, e que, ao mesmo tempo, os adultos estejam disponíveis quando elas precisarem. Essas oportunidades são oferecidas cotidianamente para as crianças na Aldeia Pirakuá, quando se afastam dos adultos, ao mesmo tempo em que voltam e se aconchegam quantas vezes precisarem. No entanto, é muito raro os adultos irem ao encontro das crianças para ajudá-las a realizar uma tarefa ou para fazer por elas. Não ocorrem intromissões dos adultos ou das crianças maiores. Também é raro ocorrerem instruções orais de como fazer. Constatei que as crianças, quando vão realizar uma determinada tarefa, já viram essa mesma tarefa ser realizada inúmeras vezes, como parte do processo educativo de ensinar a fazer, fazendo, como ressalta Maher (2005, p.84): “Ensina-se a pescar no rio [...] Ensina-se a plantar no roçado. Para aprender, para ensinar, qualquer lugar é lugar, qualquer hora é hora...” Assim, a observação é essencial na cultura Guarani-Kaiowá, mas não impede que as crianças criem formas diferenciadas e, às vezes, atrapalhadas de fazer algo, gerando muitos risos e brincadeiras.

São bebês e crianças da terra, das matas, dos rios, das brincadeiras. São crianças brasileiras que têm o direito de ampliar seus aprendizados para além da aldeia, sem precisarem abdicar dos princípios educativos que asseguram amplos espaços e largos períodos de tempo para realizar experiências num processo de continuidade e de criação.

As crianças indígenas anunciam pedagogias livres, alegres, transgressoras, vivas. As comunidades indígenas, resguardadas as diferenças e peculiaridades de cada aldeia, mantêm princípios educativos, que denomino de sabedorias, que

estão ancorados em: liberdade; natureza e seus elementos (água, ar, fogo, terra); memória e capacidade de rememorar; historicidade; transitoriedade; valor do presente; possibilidades; experiências; movimento; mobilidade; respeito; resistência; coragem; ausência de controle e de julgamentos; poucas obrigações; pensar e fazer como unidade; observação; escuta; poucas palavras; silêncio; *hibridismo cultural* (BHABHA, 2003; CANCLINI, 1997); *circularidade cultural* (GINZBURG, 1987); *experiências vividas* (BENJAMIN, 1994; 1980); *desidades*; coletivo; serenidade; brincadeiras; bagunças; leveza; autonomia; erro como processo; alegria; riso; vida.

Tudo muito música, dança, desejo, comida, poesia, alegria, algazarra, cantoria, sabor, traquinagem, contra-hegemonia, místico, a caminho. Tudo muito não colonialista, tudo muito “Contra as escleroses urbanas. Contra os Conservatórios e o tédio especulativo.” Antropofagia como vida, como movimento, como criação, como possibilidade de devorar e digerir qualquer manifestação educativa que pretenda colonizar, engessar, excluir, se colocar sobre o outro. O convite é para viver a “humana aventura”, a “terrena finalidade” que se coloca “Contra todas as catequeses.”

“JÁ TÍNHAMOS O COMUNISMO. JÁ TÍNHAMOS A LÍNGUA SURREALISTA.
CATITI. CATITI”

A pesquisa foi concluída, o tema continua... Ainda há muito a estudar, ainda há muito a aprender, ainda há muito a fazer. Como uma minúscula nascente, a pesquisa foi córrego. Fez seu percurso. Às vezes com certezas, muitas vezes com dúvidas, sem saber se resistiria às primeiras precipitações, às exigências dos contornos, aos períodos de estiagens e secas. Com coragem e determinação, mas contaminada por meu ser colonizado e colonizador, busquei dar meu recado sem medo de misturar, impregnar e significar minhas águas acadêmicas com a vida que se manifestava fascinante nas crianças e adultos indígenas. Avancei sem negar os limites, os reducionismos e, ao mesmo tempo, as possibilidades das margens de minhas tradições familiares, de pertencimento a uma classe social, de um processo de escolarização que enquadrou, reduziu e, ao mesmo tempo, expandiu a sensibilidade do pensar e do estar no campo de pesquisa. A pesquisa fez o seu percurso rumo aos afluentes para se tornar rio, com águas às vezes límpidas e tranquilas, às vezes turvadas pelos lodos das incertezas e inseguranças. Hoje, almejo que este estudo acrescente algumas pistas para que se efetive, de fato e de direito, uma pedagogia plural, pós-colonialista, que atenda as diferentes crianças em seus diferentes contextos.

Iniciei do lado de cá do rio, olhei com curiosidade, observei, estudei. Fui preparando-me para a travessia, fui molhando os pés, atravessei o rio, mergulhei, cheguei do lado de lá. As *experiências vividas* possibilitaram compreender um pouco dos traços culturais dos Guarani-Kaiowá, especialmente aqueles relacionados às crianças pequenas. Hoje, arrisco afirmar que estou na terceira margem do rio, não estou mais do lado de cá, não sou do lado de lá. O local do encontro e do diálogo é o próprio rio que carrega a vida, que é dinâmico, que altera seu curso, que transborda e que seca, que traz vida e traz morte, que é fonte, fluxo e mar. Sempre o mesmo rio, mas também sempre um rio diferente porque aberto à vida, porque sujeito às intempéries. Um rio no qual, parafraseando Heráclito (cerca de 540-470 A.C.), não posso entrar duas vezes porque as águas já não serão as mesmas, assim como eu não serei a mesma. Um rio que é e que, ao mesmo tempo, já não é, pois é movimento, transformação, correnteza, redemoinhos, calmaria.

Os Guarani-Kaiowá – crianças e adultos/as – querem seus territórios, querem horizontes, querem autonomia, querem dignidade, querem liberdade, querem vida. Basta de violências. O jeito tão especial dos Guarani-Kaiowá pode ser um indicativo, uma pista, para sermos mais sensíveis, mais cooperativos/as, mais capazes de ouvir e sentir o “outro”. “Morte e vida das hipóteses.” “O mundo não datado. Não rubricado.” “Contra a verdade dos povos missionários, [...]” “Contra as escleroses urbanas.” “A experiência pessoal renovada.” Esta pesquisa foi, efetivamente, uma *experiência vivida*.

No entanto, nessa rua de mão dupla, se faz necessário pensar caminhos que assegurem o direito das crianças indígenas aos conhecimentos que são veiculados para além da aldeia e o direito das crianças urbanas a compartilharem os conhecimentos indígenas. O desafio de construir pontes está posto. É premente reencontrar a linguagem dialógica, abrir-se para os encontros que possibilitam o “e” em contraponto ao “ou”. Aceitar a provocação de Oswald de Andrade e repensar nossas pesquisas pós-colonialismo: “Acreditar nos sinais, acreditar nos instrumentos e nas estrelas.”

A pesquisa desenvolvida em minha tese de doutorado, somada a outras, pretende contribuir com o desenho de metodologias de pesquisas pós-colonialistas com as infâncias brasileiras. Pesquisas que se constroem e desconstroem na relação dialógica entre seres humanos livres e pensantes, com direito de crescer e aprender permeados pelas diferenças, pelas contradições, pela concretude e pelos desafios da vida cotidiana. Pesquisas que escancarem as desigualdades, os preconceitos e as violências, mas que assegurem o direito às diferenças. Pesquisas com e para a vida, sempre em processo de construção e desconstrução. Permeáveis e mutantes, em

constante *de vir*. Colonizadores/as há, mas, em maior número, há sementes, sonhos, possibilidades. “A alegria é a prova dos nove.”

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago, 1928. O manifesto antropófago. *Revista de Antropofagia*, ano 1, n.1, maio de 1928.
- _____. *Poesias reunidas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BARROS, M. *Memórias inventadas: a segunda infância*. São Paulo: Planeta, 2006.
- _____. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BARTHES, R. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2004.
- BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas I – Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. Textos escolhidos. In: BENJAMIN, W.; HORKHEIMER, M.; ADORNO, T.W.; HABERMANS, J. *Textos escolhidos* (Coleção Os Pensadores). São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- CAMBI, F. *História da pedagogia*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- CANCLINI, N. G. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 1997.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1994.
- GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, A. L. G.; DEMARTINI, Z. B. F.; PRADO, P. D. (Orgs.) *Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças*. Campinas/SP: Autores Associados, 2002.
- GINZBURG, C. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- LITAIFF, A. Mitos e práticas entre os índios Guarani. *Revista Tellus*, ano 8, n. 14, abr. Campo Grande – MS. Ed. UCDB Tellus, 2008.
- MAHER, T. J. M. A criança indígena: do falar materno ao falar emprestado. In: FARIA, A. L. G.; MELLO, S. A. (Orgs.). *O mundo da escrita no universo da pequena infância*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- MANTOVANI, S. Introdução. In: BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. (Org.). *Manual de Educação Infantil de 0 a 3 anos: uma abordagem reflexiva*. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- NOAL, M. L. *As crianças Guarani/Kaiowá: o mitã reko na Aldeia Pirakuá/MS*. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2006.
- NUNES, Â. M. O lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas. In: SILVA, A. L.; NUNES, Â. M.; MACEDO, A. V. L. *S.Crianças indígenas: ensaios antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.
- SCHADEN, E. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo: USP, 1954.

Recebido em 20 de maio de 2013 e aprovado em 15 de julho de 2013.